

Imagem: pixabay.com/pt/photos/carnaval-veneza-máscaras-camuflado-686283/



Resenha: Vontade, moral e responsabilidade na visão de Schopenhauer, Nietzsche e Hobbes

Por: Lia Mara Bonfim Camargo

RESUMO: Esta resenha apresenta conceitos e análises de uma revisão de obras dos filósofos Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche, e Thomas Hobbes. Trata-se de suas contribuições no que se refere aos conceitos de vontade, moral e responsabilidade. Em um primeiro momento introduz-se ao livro “O Mundo Como Vontade de Representação” de Schopenhauer que afirma que o mundo é apenas a representação do indivíduo, na qual a vontade assume papel principal. Em sequência temos a genealogia da moral de Nietzsche que perscruta de onde surgiram nossos conceitos de moral e responsabilidade e como foram desenvolvidos. E por fim o filósofo Thomas Hobbes que sugere em sua obra “Leviatã” que o homem já nasce mau e não sabe viver em sociedade.

PALAVRAS CHAVE: Moral; Responsabilidade; Vontade.

ABSTRACT:

This review presents concepts and analyzes of a review of works by philosophers Arthur Schopenhauer, Friederich Nietzsche, and Thomas Hobbes. These are your contributions to the concepts of will, morals and responsibility. At first, the book “The World as Will of Representation” by Schopenhauer is stated, which states that the world is only the representation of the individual, in which the will assumes the main role. In sequence, we have Nietzsche's genealogy of morals, which investigates where our concepts of morality and responsibility arose and how they were developed. And finally, the Philosopher Thomas Hobbes, who suggests in his work “Leviathan” that man is born bad and does not know how to live in society.

KEYWORDS: Moral; Responsibility; Will.

Schopenhauer é um filósofo alemão que definia a vida como um constante sofrimento, sua linha de pensamento é essencialmente pessimista, o pessimismo para ele é uma representação do cosmos, uma ideia metafísica, uma força que comanda o mundo e está nas mãos da vontade, a qual se manifesta de forma caótica. Sua filosofia pessimista veio devido a convicção de que não se pode esperar coisas boas de um mundo comandado pela vontade, pois a mesma é desprovida de conhecimento e está em contante mudança, o que a torna caótica. Schopenhauer desenvolve uma reflexão acerca da essência eterna e imutável da realidade, com o intuito de libertar o ser humano de ilusões. Segundo ele a análise de nossas experiências vivenciadas nos permite descobrir o elemento essencial da existência humana. Schopenhauer distingue o mundo enquanto objeto de nosso conhecimento, não existe se não por causa de nós mesmos. Afirmando que o mundo é em si, forjado e fictício, nos levando apenas a viver em uma representação do nosso espírito. Para Schopenhauer, somos escravos de nossos desejos. Mal satisfazemos um e outro surge, de modo que nos encontramos eternamente insatisfeitos e em busca de algo que nos satisfizesse. Na visão de Schopenhauer querer viver, é querer sofrer, nesse sentido, para não sofrer, é preciso parar de querer, negar a vontade em vez de afirmá-la. Para Schopenhauer a filosofia é capaz de reprimir de modo negativo os atos da experiência imediata, o que ele chama de negação da

vontade:

Nada nos restaria senão a remissão ao estado experimentado por todos aqueles que atingiam a perfeita negação da vontade que se catagola com os termos de êxtase, enlevamento, iluminação, união com Deus (SCHOPENHAUER, 2005, p. 517-518).

A finalidade da ética de Schopenhauer é a negação completa da vontade, para ele o mundo está em um ponto onde não há mais como voltar atrás, pois os designos da vontade já foram traçados. Por este motivo Schopenhauer nega a vontade para propor outra vida, a qual escape dos destinos traçados pela vontade. Nietzsche apesar de ter algumas divergências consideráveis em relação a filosofia de Schopenhauer, ele também fez de sua filosofia uma negação a diferença é que Nietzsche fez da negação uma forma de vida diferente de Schopenhauer que negava apenas a “força” da vontade de representação.

Já para Nietzsche em genealogia da moral, ele mostra que quando trata-se da moral é necessário falar de outro conceito, a definição de bom “A precariedade da sua genealogia da moral revela-se logo de início onde se trata de averiguar o conceito de juízo e bom” (Nietzsche, 1887. p. 25). De acordo com Nietzsche o conceito de bondade para os homens é subjetivo, pois a palavra “bom” está intimamente ligada a “conveniência”, “utilidade” sendo assim aquilo que é bom para um indivíduo não será para o outro. Quando o indivíduo rompe a capacidade de julgamento, ele se autodestrói ativamente, negando as forças da negação, sendo necessário a criação de novos valores. Sendo assim o homem cria um tipo de transcendência a qual é conveniente para si, busca se auto-afirmar, como se fosse um tipo de mantedor da tranquilidade psíquica.

O possuidor de uma vontade prolongada e inquebrantável, tem nessa posse também a sua *medida de valor*: olhando a partir desse para os outros, ele honra ou despreza; e tão necessariamente quanto honrar aos seus iguais, os fortes e confiáveis (os que podem prometer) - ou seja, todo aquele que promete como um soberano, difícil, raro e lentamente, que é ávaro com sua confiança, que *distingue* quando confia que dá sua palavra como algo confiável porque se sabe forte o bastante para mantê-la mesmo frente a acidentes mesmo “frente ao destino” - de maneira igualmente necessária, terá a postos o

seu pontapé para galgos esquilidos que prometem sem poder e seu chicote para o mentiroso que quebra sua palavra já no momento em que a pronuncia. O orgulhoso conhecimento a respeito do extraordinário privilégio da *responsabilidade*, a consciência dessa rara liberdade, esse poder sobre si mesmo e sobre o destino, desceu nele até a sua mais remota profundidade e se transformou em instinto, em instinto dominante: -como ele chamará esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para lá consigo? Mas não há dúvida: esse homem soberano o chamará de sua consciência [...] (NIETZSCHE, 1887, p.65).

Já em *Leviatã* (1651), Thomas Hobbes deixa claro sua visão negativa dos homens, o livro abre com uma grande ilustração de um gigante sobre uma colina, segurando uma espada e um cetro. O desenho é composto por pessoas muitas pequenas. O monstro representa o Estado poderoso tendo como chefe um “soberano”. Hobbes, acredita que sem o estado autoritário não conseguiríamos viver em sociedade. Hobbes argumentava que se vivessemos no que ele chama de “estado de natureza” onde não existe quem aplique as leis, todos roubariam e matariam. Na descrição de Hobbes sem o estado fazendo cumprir-se as regras a vida seria “solitária, pobre, sordida, embrutecida e curta” Thomas Hobbes (1651, p. 64-65). Hobbes achava que a segurança é mais importante do que qualquer tipo de liberdade perigosa e o medo da morte levaria as pessoas a agir com responsabilidade para a formação da sociedade. Para Hobbes a única solução para viver em um mundo assim seria desenvolver um contrato social onde há um “soberano” para aplicar severas punições a quem não seguir as regras. Hobbes acredita que é vantajoso ter um “soberano” no poder e dormir sem ser vítima de um ataque do que ter extrema liberdade e passar a noite acordado com medo. Para Hobbes as leis não servem para nada se não existir alguém forte o suficiente para fazer com que todos a sigam.

REFERÊNCIAS

HOBBS, Tomas. *Leviatã: ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. 2 ed. Trad. João P. Monteiro e Maria Beatriz N. da Silva. São Paulo: Abril Cultural ,

1979. (Coleção os Pensadores).

NIETZSCHE, F. Genealogia da moral. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação.** Tmo I. Tradução, apresentação, notas e índices de Jair Barboza. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2015.